

“PROMESSA É DÍVIDA” - UMA ETNOGRAFIA DOS DEVOTOS (AS) DE NOSSA SENHORA DA GUIA NA CIDADE DE LUCENA – PB.¹

JOSÉ ADAILTON VIEIRA ARAGÃO MELO
Universidade Federal da Paraíba
adailton.aragao@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo etnográfico realizado no Santuário de Nossa Senhora da Guia, no município de Lucena, litoral norte da Paraíba. Especificamente, trata-se de um estudo sobre os pedidos dos devotos da santa, o recebimento dos pedidos e os pagamentos das promessas. Antes de adentrar no objeto de estudo, fizemos um breve levantamento histórico sobre o Santuário, diante da carência de informações históricas e antropológicas que encontramos sobre o campo de estudo. O fato de alguém fazer um pedido ao santo católico e ser “valido”, sendo este último termo uma expressão típica dos devotos de Nossa Senhora da Guia, foi o que inicialmente me motivou a pesquisar as dinâmicas da relação entre os homens e os santos católicos, em especial, a relação com a santa mencionada, e a partir dela, as relações que se estabelecem entre os devotos, os moradores da comunidade, os oficiantes, os não devotos e outras pessoas cujas trajetórias se entrecruzam no santuário. Deste modo, o estudo tenta apreender essa relação na conjuntura atual e os tipos de pedidos que são feitos, suas representações e importância no imaginário dos devotos. Outro ponto abordado é sobre o hábito de fazer o pedido por outra pessoa, mesmo que ela não seja católica ou não saiba que terá que pagar uma “dívida” que contraiu por terceiros e que cria redes de obrigações mútuas. Outra questão interessante para pensarmos é sobre as formas de pagamento dos pedidos validos. Podemos ver que muitos pagam a promessa e continua o círculo de devoção e que a fé é passada de geração para geração.

Palavras-chave: Fé, devoção, promessas.

Abstract

This work aims to present an ethnographic study conducted in the Sanctuary of *Nossa Senhora da Guia* (Our Lady of Guidance), in the municipality of Lucena, north coast of Paraíba. It is mainly a study on the applications of the devotees to the saint, the receipt

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

of the requests and the payments of promises. As a result of the lack of historical and anthropological information about the Sanctuary, the study includes a brief historical survey of the place. Some elements were also addressed: history and dynamics of the community of Guia and the relationship between its inhabitants and the Sanctuary. The fact that someone makes a request to the Saint and it's "valid" (the latter term is a typical expression of the devotees of *Nossa Senhora da Guia*), motivated us to investigate the dynamics of the relationship between men and Catholic saints, in particular the relationship with the mentioned Saint and also relations between devotees and non-devotees, and other people whose trajectories run into at the Sanctuary. The study also addresses the types of requests that devotees make, their representations and importance for the devotees. Another topic we explore is the habit of making the request for someone else. Even though this person is not Catholic and doesn't know about the request, he or she will have to pay a "debt" that was contracted by third parties, creating a strong sense of mutual obligations. Another interesting question to think about is the different ways to pay valid requests. We can see that many devotees pay the promise but they continue the circle of devotion and the stool is passed from generation to generation, in addition to the "sacrifice" of the promises of payments. These questions lead us to reflect on the Catholic devotion and attempts to proximity to the saint, *Nossa Senhora da Guia*.

Keywords: faith, devotion, promises.

Introdução

A pesquisa em que este trabalho se baseia tem sua origem num evento biográfico. Em 2009, resolvi que iria fazer o vestibular para o curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Filho de um pedreiro e de uma dona de casa, sempre estudei em escola pública e tive que trabalhar cedo para ajudar meus pais no sustento da casa. Minha formação não era das melhores e, embora contando com o incentivo constante de minha família, muitas vezes me questioneei se conseguiria passar no vestibular. Meus pais sempre foram devotos de Nossa Senhora da Guia, cujo Santuário, localizado no município de Lucena, próximo a João Pessoa, mobiliza anualmente centenas de fiéis em busca das graças da Santa. Passei o ano todo estudando para fazer as provas e em nenhum momento fiquei sabendo da promessa que minha mãe tinha feito. Apenas quando o resultado saiu, ela revelou que tinha feito uma promessa e que eu deveria ir ao Santuário acender algumas velas em agradecimento pelo “pedido

valido”. Não sou católico, nunca fui frequentador de igrejas. Confesso que fiquei surpreso em saber que minha mãe tinha feito a promessa para eu pagar, eu nem imaginava que isso fosse possível. Demorei algum tempo para aceitar a ideia de ter que ir ao Santuário para pagar a promessa, tempo este em que tive que conviver com a cobrança constante da minha mãe para que eu fosse cumprir com o prometido.

Na graduação, matriculado em uma disciplina de antropologia, tivemos que fazer uma atividade de campo, aproveitando a oportunidade resolvi fazer uma etnografia sobre o Santuário e participei do projeto², intitulado: “Etnografia da Guia: estudo antropológico sobre a comunidade de Nossa Senhora da Guia no Município de Lucena/PB”, foi submetido ao Edital CNPq nº 07/2011.

Este trabalho objetivou apreender um pouco sobre a prática votiva e suas dinâmicas no Santuário de Nossa da Guia, o pagamento dos pedidos e as práticas dos ex-votos e suas subjetividades. Com contribuição e as leituras das obras de Mauss (2003), Mauss & Hubert (2005), principalmente a teoria da Dádiva, que nos ajudou a entender como são estabelecidas as relações de troca entre os devotos e a Santa, cujos pedidos são validos a partir/através da intercessão de Nossa Senhora da Guia. Os autores também nos auxiliaram na compreensão sobre o “sacrifício” de pagar as promessas alcançadas. A obra de Durkheim (2000), principalmente *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, nos permitiu reflexões em torno do que o autor denomina as religiões primitivas e, a partir disso, entender alguns aspectos do fenômeno religioso existente no Santuário, na Comunidade e entre os frequentadores.

Outros autores contemporâneos foram de utilidade e importância para a compreensão dos diversos elementos das práticas votivas que ocorrem no Santuário, como as leituras de Ferguson (1999), Flores Filho (2012), Benjamin (2002), Teixeira et al (2010), Gaspar (2003), Maués (2013), Araújo & Aragão (2005), Abreu (2005), Alves (2005), Fornazari & Ferreira (2010) e, por fim, Lévi-Strauss (2008).

A estrutura do trabalho é a seguinte: apresentação do campo de trabalho e investigação; breve levantamento histórico do Santuário; a comunidade da Guia; os pedidos validos; o pagamento das promessas; promessa por terceiros; os depoimentos; os ex-votos; a gratidão duradoura, as curas/grças alcançadas.

² Projeto coordenado pela Profa. Dra. Ednalva Neves. Contou com a colaboração dos pesquisadores: Márcia Reis Longhi, Pedro Nascimento e Mônica Franch. A equipe de auxiliares de pesquisa foi composta por quatro estudantes de Ciências Sociais: Uliana Gomes, Dayse Castro, Jadson Silva, além de mim mesmo.

PAISAGEM E FÉ: APRESENTANDO O LOCAL DA PESQUISA



Figura 1. Imagem do Santuário de Nossa Senhora da Guia – Lucena/PB.

Fonte: Arquivo do autor. 13 de abril de 2012.

principalmente por plantações de cana-de-açúcar e coqueirais. Sua localização elevada privilegia a observação dos navios que circulam no mar e na foz do rio Paraíba. Na parte baixa do Santuário, fica localizada a comunidade da Guia, composta por apenas cinco ruas de casas dos moradores, às quais recentemente se acrescentaram algumas casas de veraneio, umas mais simples e outras mais luxuosas, além de alguns negócios que descreverei posteriormente. O Santuário é um dos pontos turísticos mais visitados. Sendo considerando um dos cartões postais da cidade de Lucena.

O Santuário de Nossa Senhora da Guia está localizado no município de Lucena no litoral norte da Paraíba, distando cerca de 35 km da capital João Pessoa. O Santuário fica a 12 km do Centro de Lucena no alto de uma colina, numa área de preservação ambiental, onde há resquícios de Mata Atlântica e, pode-se observar ao mesmo tempo o mar e a zona rural, esta última composta

A SANTA

Personagem principal da trama desta pesquisa, a Santa³ ou Nossa Senhora da Guia é uma das designações e títulos atribuídos à Virgem Maria, mãe de Jesus e também é caracterizada como a “mãe de Deus”. Entre os devotos é conhecida como “a mãe de todos nós”. No caso de Nossa Senhora da Guia, é destacado seu caráter de ser a padroeira dos navegantes, essa atribuição está atrelada ao fato de Nossa Senhora ter guiado Jesus quando ele era ainda criança. Conforme conversa com um devoto: “Nossa Senhora da Guia tem muita força, ela nos guia no caminho de Deus e de Jesus”. A Santa tem, deste modo e para os seus fiéis, o caráter de guiar os homens para o caminho de

³Santo(a): latim Sanctus. Essencialmente puro; perfeito em tudo. Que vive na lei de Deus. Bem-aventurado, sagrado. Eficaz; que cura. Santificado. Inocente; Imaculado; inviolável. Dedicado a Deus. Indivíduo canonizado. Indivíduo que morreu em estado de santidade. Pessoa de extraordinária bondade. Fonte: <http://www.priberam.pt/DLPO/santo>>. Acessado em 10/07/2014.

Deus e do bem. Em conversa com os moradores da comunidade e devotos da santa, a devoção a Nossa Senhora da Guia chegou ao Brasil através dos portugueses. Repetida até hoje, a história da origem dessa devoção começa quando os pescadores de uma aldeia portuguesa saíram para pescar e ficaram perdidos em alto mar. Ao serem atingidos por uma tempestade, fizeram um pedido à Virgem Maria⁴ para voltarem seguros ao porto. Logo após o pedido, apareceu no céu uma estrela cintilante e seguindo na sua direção, chegaram seguros ao porto. Desde então, surgiu a devoção a Nossa Senhora da Guia⁵.

“MEU PEDIDO FOI VALIDO”

A primeira vez que ouvi alguém falar “meu pedido foi valido”, foi no Santuário de Nossa Senhora da Guia ou Santuário da Guia, mas comumente conhecido. Demorei um pouco a entender o significado do termo, mas aos poucos fui ouvindo os devotos e compreendendo tal expressão. Nos dicionários o termo é associado a “Que ou quem recebe favor ou alguma proteção de um indivíduo ou poderoso. Seria um protegido. Alguém que é muito estimado por outrem”. Na comunidade católica e, sobretudo no Santuário da Guia, este termo está associado a alguém que faz o pedido. Essa pessoa teoricamente tem uma relação de proximidade com a santa, ou seja, já é um devoto ou está iniciando uma relação de proximidade com Nossa Senhora da Guia. Após o pedido, a pessoa aguarda que a santa o aceite ou considere a pessoa apta a receber a dádiva ou milagre, depois é concedido e validado o pedido. Desta forma, o devoto toma consciência de que seu pedido foi valido pela santa. Segundo os devotos, o pedido precisa ser feito com fé e devoção, geralmente são pessoas que já foram iniciadas na religião católica há certo tempo. Percebe-se que existe uma relação de transmissão geracional da crença na família e entre os devotos. Na concepção de Durkheim (2000), sempre que os indivíduos se juntam em algum ritual religioso, estão a priori para afirmar a sua fé na ordem moral do grupo. Vale ressaltar que a fé, embora adquirida e partilhada socialmente com o grupo, é vivida de modo subjetivo por cada pessoa.

⁴Dia 08 de dezembro de 1854, foi nesse dia que o Beato Pio IX, declara a Bem-Aventurada Virgem Maria. Fonte: <http://www.arautos.org/artigo/60682/Em-graca-concebida.html>>. Acessado em 12/07/2014.

⁵**Nossa Senhora da Guia** e sua devoção surgiu, na verdade, na Igreja Ortodoxa, que é reconhecida pelo Vaticano. Entre os cristãos ortodoxos, Nossa Senhora da Guia é invocada com o nome de Odigitria. Este nome significa Condutora ou Guia. Isso porque Maria guiou Jesus em sua infância. Tempos depois, o culto a Nossa Senhora da Guia foi incorporado na igreja Católica. Fonte: <http://www.cruzterrasanta.com.br/historia/nossa-senhora-da-guia>>. Acessado em 10/07/2014.

Esse pedido pode ser feito para o devoto ou para terceiros, mesmo que esses terceiros tenham consciência ou não do pedido, mas quando o “pedido é válido” os envolvidos são comunicados da validação e o recebimento da graça, ficando agora a dívida para com a santa, não podendo ser protelada por muito tempo. Percebemos a presença da “dádiva” nos pedidos, ou seja, a produção de alianças religiosas e de aproximação entre os homens e os deuses. Conforme Marcel Mauss nos aponta em *Ensaio Sobre a Dádiva*, as noções de troca e reciprocidade têm caráter universal e estão baseadas na tríplice obrigatoriedade: “dar, receber e retribuir”. Justamente são essas questões que estão presentes nos pedidos válidos, fica o devoto ou a pessoa que recebeu à graça, o dever de retribuir a graça alcançada, seja através de objetos, sacrifícios e entre outros, mas fica o pedinte obrigado a retribuir de alguma forma o pedido válido.

Conforme Mauss menciona: “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros.” (Mauss, 2003, p. 263). Essas relações de troca e obrigação de retribuir é presente no Santuário de Nossa Senhora da Guia, reforçando a aliança entre homens e Deuses, conforme Mauss menciona: “As relações desses contratos e trocas entre homens, e desses contratos e trocas entre homens e deuses esclarecem todo um aspecto da teoria do Sacrifício” (pág. 205). Ressaltando também que a dádiva coloca em relação pessoas entre si e que pudemos observar essas relações no Santuário, entre os devotos e os não devotos.

Na figura 2, podemos ver a relação de devoção e gratidão à Santa pelas graças alcançadas, como também a fé sendo compartilhada pelo coletivo e passada de geração à geração. Foi interessante perceber que muitas crianças e jovens participam das missas e festividades. Nas pesquisas de campo, observei que alguns devotos levam suas



Figura 2. Devotos agradecendo a santa pelo pedido válido.
Fonte do autor. Outubro de 2012.

famílias para compartilharem os momentos religiosos. Alguns até ensinavam aos seus filhos a rezar e “venerar” a imagem da santa, numa aproximação com o sagrado (DURKHEIM, 2000).

A ordem do pedido é a seguinte: o momento do pedido; a validação; o pagamento. Para o pedido ser válido, conforme observação em campo e em

conversas informais, os devotos apontam que “a santa faz uma análise do seu pedido; analisa se o devoto merece e em seguida é validado ou não. Depende de cada caso e merecimento”. Ao falarmos merecimento, conforme observamos nas conversas informais, no imaginário dos devotos, o merecimento está relacionado ao fato de que as relações de troca não se iniciam apenas no momento do pedido, mas antes mesmo do pedido, a partir das ações e condutas do devoto, que serão julgadas pela santa que avaliará se ele ou ela tem o merecimento de receber a graça. Quando o pedido é válido, o devoto reforça sua fé diante dos demais, reafirmando o poder da santa em realizar os milagres.

Com o pedido válido, os devotos compartilham a “graça alcançada” ou “milagre”, como também é conhecido, com os indivíduos do seu meio familiar e social, criando uma rede de fé e atraindo novos devotos da santa. Mesmos aqueles que não acreditam em santos ou não são católicos, são levados ao Santuário para pagar alguma promessa feita por terceiros. Em alguns casos observados, o pagador torna-se devoto, contribuindo com a ideia de coletividade e coesão social na religião, Durkheim nos traz alguns elementos para pensarmos o Santuário como local que possibilita experiência religiosa, intrinsecamente ligada ao sagrado e que é ao mesmo tempo individual e coletiva, onde há um compartilhamento de sentimentos e significados dentro do espaço sagrado.

Em conversa com alguns devotos, eles mencionam o processo de validação do pedido: Faz-se o pedido, a santa recebe e analisa, intercede por eles em conversa com Deus, após permissão de Deus o pedido é válido ou realizado. Em conversa com seu Zé Bui, ele menciona: “a gente faz o pedido à santa e se for do nosso merecimento, a gente consegue a graça. Mas tem que pedir com fé e acreditar”. Em outro momento, conversando com frei Geraldo Souza, ele relata um caso do “pedido válido” pela santa. “Um senhor que conseguiu a cura de uma enfermidade e que tinha sido desenganado pelos médicos, fez a promessa a Santa, e veio não sei de onde, deu testemunho na missa e as pessoas da comunidade dele confirmaram o caso, o milagre. O pedido dele foi válido. Os testemunhos são corriqueiros e as pessoas da própria comunidade confirmam a cura”. Continuando a conversa, ele explica um pouco sobre o processo de validação: “os fiéis fazem os pedidos, com fé de alcançar a graça, esperam que o pedido seja aceito pela santa e depois que recebem a graça divina, vem pagar a promessa” Os santos são tidos como intermediários entre os devotos e Deus (FLORES FILHO, 2013).

Outro aspecto interessante é como o culto à santa pode ser interpretado como uma forma de coesão da comunidade católica (DURKHEIM, 2000) e o dia da santa pode ser pensado como uma afirmação, comunhão da comunidade católica, frente a outras denominações que não atribuem valor simbólico aos santos.

“TEM QUE PEDIR COM FÉ”

A fé é tratada aqui como elemento importante para que os pedidos dos devotos sejam validos. Os pedidos de cura para alguma doença são os mais comuns. Algumas frases são constantemente observadas no campo, como: “tem que ter fé”, “tem que pedir com fé”. Contribuindo para essa compreensão, o autor José Honório das Flores Filho cita: “A fé é sustentada pela crença na eficácia e competência divina do santo para a solução de seus problemas” (p. 118). A crença e a fé se tornam elementos fundamentais para que os pedidos sejam atendidos.

Diante dos diários de campo e ao longo do projeto que fiz parte, pude perceber algumas singularidades entre os pedidos das pessoas. Alguns pediram a cura para alguma doença. Em alguns depoimentos, as pessoas relataram que, antes de fazer o pedido, procuraram a medicina convencional e fizeram até tratamento, mas não conseguiram se curar. Diante do desengano dos tratamentos convencionais, resolveram fazer o pedido a Nossa Senhora da Guia. Este tipo de relato encontra eco na literatura sobre itinerários terapêuticos, possibilitando pensarmos nos processos de “adoecimento e cura”. (ALVES, 1993).

A história do Sr. Zé Bil, como é conhecido na comunidade, foi interessante para pensarmos o que leva as pessoas a fazer o pedido. Ele sentia fortes dores nas pernas, já tinha usado plantas medicinais, foi ao farmacêutico de sua cidade natal, no interior da Paraíba. O farmacêutico era considerado o médico da cidade. Ele foi medicado, mas o problema continuou e cada vez mais forte. Mediante a sua situação, resolveu fazer a promessa à santa. Meses depois já estava curado e foi pagar a promessa no Santuário. Seu débito com a santa foi acender algumas velas no Santuário. Depois disto, sua fé aumentou e também sua gratidão e devoção.

Outro relato interessante é o do Sr. Nil. Ele sofreu um corte no braço e ficou vários dias internado em estado grave. Depois de sair do hospital, ficou usando medicamentos e não teve melhoras. Então sua vizinha falou que ele devia fazer uma promessa para Nossa Senhora da Guia e que ele seria curado. Tinha que ter muita fé

para seu pedido ser válido. Feito o pedido em casa, apenas se ajoelhou e pediu com clemência à santa para curar seu braço. Três semanas depois, ele já estava praticamente curado. Sua promessa foi levar um braço de cera para o Santuário, depositando na sala dos ex-votos. Em entrevista, ele fala: “meu braço foi curado pela Santa. Agradeço à Santa”. Como já referido, os pedidos mais comuns e corriqueiros são os de cura, mas no decorrer da pesquisa, percebi que existem vários tipos de pedidos em que não é necessário o pagamento do ex-voto (objeto) ou exposição do pedido válido aos demais devotos.

Em visita ao Santuário, um senhor chega para depositar na cesta em frente à imagem da santa, um coração de cera. Ele relata que sofreu um ataque cardíaco e não morreu porque teve muita fé na santa e fez o pedido para curá-lo. Seu pedido foi válido e está ali para pagar a promessa. Nesse mesmo dia, uma senhora chega para depositar um seio de cera, que estava representando o seio da sua filha, no qual teve um tumor maligno e que os médicos já tinham desenganado. Com sua devoção, ela faz o pedido para a cura da filha, seu pedido foi aceito pela Santa e agora estava retribuindo conforme o prometido.

Podemos pensar a relação fé e cura, como uma prática corriqueira entre os devotos e/ou o pedido de cura para terceiros. Conforme menciona Fornazari & Ferreira: “(...) a religiosidade/espiritualidade constitui uma estratégia de enfrentamento importante diante de situações consideradas difíceis, como é o caso do diagnóstico do câncer que produz um forte impacto na vida do indivíduo e cujo tratamento é permeado de eventos estressores” (p. 265). As autoras apontam a espiritualidade/religiosidade como auxiliar no tratamento das enfermidades. Com grande impacto na saúde física e sendo considerado possível fato de prevenção de possíveis doenças. (p. 266). A religiosidade, de certa forma, contribui para a ideia de uma força maior (Deus, Santos) capaz de curar as enfermidades que acometem as pessoas. Conforme os relatos mencionados, podemos ver a crença na capacidade da santa em conceder a cura para o corpo físico. Ainda sobre a ideia de fé e cura, Mirian C. Rabelo afirma: “A cura envolve essencialmente dinâmica de negociação, visando fortalecer o indivíduo através de alianças com poderes do sagrado” (1993, p. 322). Essa ideia possibilita pensarmos nos processos de negociação e aproximação dos devotos com a santa e os pedidos da cura para si ou terceiros. Essa relação de fé e cura nos remete ao clássico estudo de Lévi-Strauss sobre a eficácia simbólica, onde uma parturiente consegue levar a bom termo um parto difícil graças à intervenção do xamã. Sem exercer qualquer manipulação

física, o xamã introduz a mulher na narrativa mítica, o que só é possível porque ela partilha a crença com ele e com a sua comunidade, e deste modo consegue obrar uma mudança nos processos orgânicos que dificultavam que o parto fosse a bom termo. Os preparativos para uma parturiente consistem em “invocações, e confecções de imagens sagradas ou nuchu”, essas imagens são essências simbólicas e representam espíritos protetores que à pedido do xamã vem a serviço dos homens com poderes de curas excepcionais. (LÉVI-STRAUSS, 1958. p. 216-217). São vários relatos interessantes para tentarmos compreender os tipos de pedidos feitos à santa. Na sala dos ex-votos têm-se vários objetos: na maioria são partes do corpo feitas em cera, pequena quantidade é de madeira e plástico. Em maio de 2014, fiz um levantamento dos objetos e até a data mencionada tinha em torno de: 21 mãos, 21 braços, 32 pernas (gesso e cera), 01 tronco, 29 cabeças (gesso, cera e plástico), 05 pênis, 04 vaginas, 01 testículos, 01 fígado, 01 baço, 02 pulmões, 01 traquéia, 01 coluna vertebral, 22 seios, 11 corações, 01 intestino grosso, 01 pescoço, 02 nádegas, 02 olhos, 02 aparelhos ortopédicos, 01 esôfago, 01 embalagem com possível tumor, pedaços de umbigos em garrafas de vidro. Os demais objetos são: 25 casas (madeira, plásticos), bonecos (cera, plástico), fitas coloridas, fotografias de jovens e adultos, roupas, calçados, carros de brinquedo, garrafas com nomes, velas de vários tamanhos, animais de gesso, caixa de joia, imagem de santo e cruces de diversos tamanhos e formatos. São vários objetos e que podemos pensar os tipos de pedidos que são feitos e conseqüentemente validos pela santa.

Alguns pedidos não são representados pelos objetos dos ex-votos, como o pedido de um devoto para que alguém seja aprovado no vestibular, que foi meu caso. Também é possível perceber pedidos referentes às questões econômicas e financeiras: conseguir trabalho, aposentadoria, comprar carro, casas, objetos do lar, entre outros. As práticas de pagamento desses pedidos consistem em acender velas e/ou contribuir com dízimos e ofertas para o Santuário.

Um fato interessante presenciado nas missas dos romeiros é que os devotos levam os objetos comprados para que os eclesiásticos possam abençoar, representando à santa. O frei então abençoa os objetos com água benta, seguido de palavras benfeitoras e agradecimentos. Os fiéis demonstram uma enorme gratidão em ter conseguido o objeto e os créditos de tê-lo conseguido vão para o “pedido valido” pela santa. Pude perceber que esses momentos podem ter doações de ofertas e dízimos, não sendo obrigatório. Outros objetos também são levados para abençoar, como alianças de casamento, chaves de casa, chaves de carros e motos, conforme relato dos eclesiásticos.

Pensando um pouco sobre o que motiva as pessoas a fazerem os pedidos, podemos citar a crença no sobrenatural ou força metafísica capaz de realizar “coisas” tidas impossíveis. Nos relatos da pesquisa, foi possível perceber que, nos casos de saúde, geralmente as pessoas já tinham procurado a medicina convencional e após o diagnóstico e tratamento, ainda continuavam com a “enfermidade”. Neste momento, a relação religiosa toma força e leva os indivíduos a fazerem os pedidos aos “deuses” e “santos”. Diria que a crença no sagrado motiva os pedidos (DURKHEIM, 2000). Essas questões não se aplicam só ao processo saúde/doença, mas perpassa diversos campos da vida do indivíduo. Diria que as pessoas são levadas a fazer o pedido devido aos momentos difíceis que estejam passando. Diante desses elementos, ao elaborar sobre as práticas votivas, Leônia Cavalcante Teixeira et al., enfatizam que:

O sujeito volta-se para a religião em momentos críticos, visto que o medo de perdas, de patologias e da morte impulsiona o humano em busca de um poder sagrado capaz de proporcionar ordem e significado em sua vida. A religião exerce a função de refúgio[...]. (TEIXEIRA, et al., 2010, p. 5).

Desta forma, em situações difíceis os sujeitos são levados a uma religião (religação) com Deus, considerando a religião e os santos sagrados e divinos com poderes para dar algo que os homens e mulheres estejam precisando, além da proteção e benção divina.

PEDIDOS PARA TERCEIROS: “EU PEÇO, VOCÊ RECEBE E VOCÊ PAGA”.

É comum os pedidos serem feitos para terceiros. Mesmo que não sejam devotos, mas diante de alguma enfermidade/necessidade, os devotos próximos fazem o pedido pelo outro. Em alguns casos a pessoa que recebe o milagre não sabe que alguém fez a promessa, mas diante do milagre validado, é comunicado ao recebedor que ela adquiriu uma dívida com a santa e terá que pagar. Em algumas situações, como nos relatos que anotei no diário de campo, as pessoas que não são devotas até esboçam uma reação contrária ao fato de pagar uma promessa que não foi feita por ela, mas a pressão do pedinte (devoto) sobre o recebedor (terceiro) é forte e constante. Partindo da minha experiência em ter recebido a graça de ser aprovado no vestibular e ser “obrigado” a pagar a promessa, até o dia do pagamento, existia a cobrança constante de que a dívida deveria ser paga.

Conforme as observações em campo, algumas falas são interessantes para pensarmos sobre prática de fazer pedidos para terceiros: “já fiz promessa para minha filha, meu esposo, meu neto. Todas foram atendidas”. Diante dos relatos, podemos perceber que o terceiro também adquiriu uma dívida oriunda de um pedido que alguém fez por ele, causando em alguns casos o estranhamento das pessoas que terão que fazer algo que não tinham consciência.

Considero importante destacar que os laços que se criam não são apenas entre o recebedor e a santa, mas também entre quem pede e aquele para quem se fez o pedido. Mesmo que geralmente essa relação entre o pedinte e o recebedor já exista, o vínculo e a relação é reforçada a partir de uma dádiva trocada. Ao pedir para alguém, essa pessoa fica comprometida com quem fez o pedido e com a santa à qual se deve. A obrigação, neste caso, é no sentido da relação. Mesmo que a pessoa não se torne devota, certamente não é indiferente ao fato de outra pessoa ter feito o pedido em seu favor e para ela pagar. A relação não é afetada, mas reforçada diante do pedido válido.

O PAGAMENTO DAS PROMESSAS

Como já foi relatado, as pessoas ficam em débito com a santa quando o pedido é válido, podendo ser pago nas datas de comemoração ao dia da Santa, conhecida como a “festa da Guia”, realizada nos dias 07 e 08 de dezembro ou na Romaria da Guia, realizada em 12 de outubro, junto ao calendário nacional em comemoração a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Essas são as datas para “retribuir” o pedido válido. Conforme conversas informais, no imaginário das pessoas, essas datas são consideradas o “tempo ideal” para o pagamento das promessas. Porém, a priori, poderiam também pagar as promessas durante as missas. A impressão no primeiro momento é de que, nas datas comemorativas a comunidade católica se reúne para pedir, pagar e agradecer os pedidos válidos, contribuindo para fortalecer o sentimento de pertença a uma comunidade moral. Não é de se estranhar que, se tratando de eventos de natureza ritual, o pagamento das promessas exija um “tempo certo”, diferente do comum, pois não é apenas o espaço sagrado que é demarcado, mas o próprio tempo também o é.

Fiz pesquisa de campo nas duas datas mencionadas. Na festa da padroeira e na romaria, existe uma preparação para receber os devotos. No altar-mor, a imagem da santa é ornamentada com flores e fitas coloridas, em seus pés é colocada uma cesta de

palha para que os ex-votos sejam depositados. Nas observações de campo, pude perceber vários momentos do pagamento das promessas. Algumas pessoas fazem um ritual antes de colocar o objeto (ex-voto). Fazem orações ajoelhadas em frente à imagem da santa, em seguida depositam o objeto. Alguns devotos entram na igreja de joelhos e vão até a santa e entregam o objeto. Diria que são momentos interessantes para tentarmos entender os pagamentos das promessas, pois cada pessoa tem certa singularidade para entrega do ex-voto.

Alguns devotos subiam a ladeira de joelhos. Alguns jovens estavam pagando a promessa deste modo. O percurso da ladeira é bem íngreme e com pedras. Notava-se o sacrifício e esforço físico para cumprir o prometido. Muitas pessoas ficam ao redor do devoto, dando apoio ou admirando sua fé e sacrifício (MAUSS; HUBERT, 2005).

A CIRCULAÇÃO DE OBJETOS

No Santuário percebemos que existe uma circulação constante de objetos. Durante as visitas de campo, observei que algumas pessoas procuravam o responsável pela sala dos ex-votos para que pudesse ajudar a conseguir o objeto para pagar a promessa. Essas conversas geralmente eram sigilosas ou confidenciais. Em alguns casos, foi possível perceber a negociação em conseguir tal objeto. No primeiro registro, uma senhora fez uma promessa para ser curada de um tumor na perna e estava ali para pagar, mas não conseguiu encontrar o objeto no Centro de João Pessoa. Alguém do Santuário sugeriu que ela falasse com o responsável para pedir sua ajuda para conseguir uma perna de cera. Mediante a negociação, que envolveu algum valor em dinheiro, o responsável foi à sala dos ex-votos e minutos depois foi entregue à senhora a perna de cera. É possível perceber que os objetos que são depositados para o pagamento do pedido servirão também para outras pessoas.

Com base no comentário de que tinha uma pessoa que fazia os objetos na comunidade de Costinha, próximo à comunidade da Guia, fiz algumas visitas e tentei localizar o artesão, mas as pessoas informavam que não existia ninguém que fazia esses objetos. Afirmavam que os objetos eram comprados no próprio Santuário. Desta forma, reforça a idéia de que existe uma circulação dos objetos no Santuário.

Em outro momento, no dia da missa dos romeiros, fui à sala dos ex-votos e tinha duas senhoras negociando com o responsável a compra de um objeto para pagar a promessa. Uma das senhoras pergunta qual o valor? Ele responde: “o que a senhora

quiser dar”. Com a minha presença a negociação foi interrompida, sendo continuada fora da sala.

Essas questões são importantes para pensarmos que o mesmo objeto poderá ser utilizado para o pagamento de várias promessas. Independente da forma como é negociado, o fato é que o objeto circula dentro do Santuário e entre os devotos e não devotos. Este último, relatado anteriormente, sobre as promessas para terceiros e o pagamento da dívida pelo recebedor. Para tentarmos compreender melhor, podemos retomar a Mauss, sobre a dádiva, quando ele menciona que a circulação de bens acompanha os homens, e também se criam vínculos e obrigações de retribuir. Ao mesmo tempo em que os bens são a riqueza e a sorte que se transmitem, é seu espírito presente nos objetos. Podemos pensar no espírito das coisas dadas (hau) que acompanha os objetos, mesmo que tenha uma circulação de objetos, há sempre o espírito da pessoa que deu o objeto. Podemos também pensar no prestígio e honra (mana) que o pagamento da promessa proporciona ao fiel, mesmo que o objeto tenha sido de outra pessoa, para os devotos a quitação do débito com a santa é importante e obrigatório. Além disso, não podemos esquecer que os objetos representam a força religiosa e espiritual. Marcel Mauss menciona: “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros.” (pag. 263).

A GRATIDÃO DURADOURA.

Pensávamos que o sentimento de “dívida paga” se encerrava com a entrega dos ex-votos, mas, percebemos que a gratidão e a devoção são renovadas e “perpetuadas” por um longo período ou talvez a sensação de uma dívida nunca paga. Pois alguns milagres são considerados tão grandiosos que a simples entrega dos objetos não é proporcional ao que foi recebido. O exemplo disso está no depoimento da senhora que entregou o seio de cera, que representava o seio da filha diagnosticada com câncer. “eu sempre serei grata a Nossa Senhora da Guia pela graça alcançada. Nunca vou conseguir pagar o que ela (santa) fez pela minha filha”. Nesse momento, a senhora foi tomada por forte emoção. Confesso que fiquei emocionado com o depoimento e várias pessoas que estavam próximo compartilharam esse momento.

Outro ponto interessante é que vários devotos e devotas relatam que mantêm a prática de acender velas em suas casas em agradecimento à santa. Geralmente acendem velas aos domingos rezam o Pai Nosso e uma Ave Maria. Existe um ritual para oferecer a vela. Não é simplesmente o acender. Tem que ter fé e acreditar, para que o vínculo com a santa seja validado. Essa prática foi observada que passa de geração para geração. Em conversas informais uma senhora relata: “minha mãe acendia vela para Nossa Senhora. O quarto dela era cheio de imagens dos santos. Tinha Padre Cícero, frei Damião. Aprendi com minha mãe a ter fé”. Percebemos nestas palavras uma continuação com a gratidão e devoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos através de observação participante e entrevistas realizadas na comunidade nos levam a uma reflexão e tentativa de compreensão do Santuário de Nossa Senhora da Guia atualmente a partir dos pedidos dos devotos, os pedidos que são validos pela santa e o momento de pagar a promessa. Essas questões não foram meu objeto inicial de pesquisa, mas diante das visitas e conversas informais com os devotos e moradores da comunidade, fiquei indagado sobre essas questões e como poderiam ser interpretadas à luz das ciências sociais, a partir de autores que nos trouxessem contribuições para tentar entender as relações dos homens com os santos.

No primeiro momento achava que após o pagamento dos pedidos o ciclo se encerrava. Depois da entrega dos objetos ou da realização de sacrifícios, a relação com a santa e o sentimento de gratidão continuam, diria que é um tipo de “dívida” que não foi paga ou o pagamento não foi o suficiente para o pedido valido, como também indicam Hubert e Mauss em seu trabalho *Sobre o sacrificio*, nos levando a refletir sobre os processos de um possível circulo de dívida entre os devotos e a Santa.

Os vários tipos de pedidos nos levam a uma reflexão sobre quais os motivos que levam as pessoas a fazerem os pedidos e o que seria necessário para que estes sejam validos. Não depende apenas da fé ou devoção, mas tem que merecer que o pedido seja aceito. Embora não aprofundamos sobre esse assunto, o merecimento remete ao fato de se exigir dos devotos um comportamento compatível com a moral católica, funcionando deste modo os pedidos como momentos de reforço da comunidade moral, conforme inspiração das ideias de Durkheim. Os pedidos validos servem para reforçar a fé do devoto no poder da santa. Esse poder tem uma manifestação física na sala dos ex-votos,

a partir da exibição dos objetos que atestam a força da santa. Conforme conversas informais: “a santa tem muita força, viu que ela te deu o milagre?!”; “Nossa Senhora da Guia é muita poderosa. Tenha fé e ela te ajuda”. Essas são algumas frases que registrei no diário de campo.

Visitando a sala dos ex-votos, podemos perceber a pluralidade dos pedidos e as variadas formas de pagar as promessas. Grande parte dos objetos são partes do corpo humano. São extensões do corpo fora do corpo. Conforme fala de um devoto: “olha meu braço”; “ta vendo minha cabeça?! A santa me curou”. Conforme Mauss: “Se o presente recebido, trocado, obriga, é que a coisa recebida não é inerte. Mesmo abandonado pelo doador, ele ainda conserva algo dele. ” (2003, p. 198). Essas questões nos permitem tentar compreender a relação das pessoas com o Santuário e com Nossa Senhora da Guia no contexto atual.

É perceptível que existe uma tensão entre a comunidade e o Santuário, devido ao fato de grande parte dela ser evangélica da Assembleia de Deus. Os evangélicos vendem objetos católicos e nas conversas informais percebemos que existe um respeito pela Santa. Mesmo não admitindo que foram católicos um dia, nas conversas percebemos que em algum momento já fizeram algum pedido à santa, pois antes da igreja protestante, a comunidade era católica e muito assídua. Hoje, essa relação está fragmentada, mas não rompida totalmente. Católicos e protestantes fazem parte do círculo de trocas ao redor da Santa e os conflitos, que podem ser observados pelas críticas e boatos mútuos, são minimizados pela existência de um interesse comum – embora esse interesse também possa ser observado como um elemento de disputa, no sentido de que católicos e protestantes são possíveis concorrentes no “negócio da santa”. A pesquisa ainda não permitiu determinar isso, mas é um aspecto a ser considerado.

Outra contribuição importante foi sobre a circulação dos objetos no Santuário. Os ex-votos são utilizados para várias pessoas, mesmo que elas não tenham consciência desse fato – essa circulação dos ex-votos chama a atenção para trocas que ocorrem “subterraneamente”. Apesar dessa circulação não autorizada, os devotos reconhecem seus objetos e afirmam para os demais sobre seu pedido que foi aceito e o quanto a Santa tem poder. Diante da dificuldade em encontrar os objetos para pagar as promessas e partindo do relato de que em alguma comunidade de Lucena tinha um artesão que faz os objetos sob encomenda, fiz uma pesquisa nas comunidades e todas relatam que os objetos são obtidos no próprio Santuário ou em algum lugar em João Pessoa. As pessoas

também não sabiam informar sobre o artesanato mencionado. Desta forma, reforça a existência da circulação de objetos. No Centro da capital da Paraíba, encontrei uma pequena loja que vende objetos religiosos, principalmente para a Umbanda e o Candomblé, onde tinha disponível cabeça, braço e mão em cera. Os demais objetos o senhor não soube relatar onde encontrar. Sobre os valores desses objetos, coincide com o valor pago por uma cabeça de cera no Santuário, de acordo com a negociação que presenciei na sala dos ex-votos.

Partindo da ideia de que os objetos eram únicos e particulares, podemos perceber que para os fiéis essas questões de os objetos terem sido de outras pessoas não influenciam muito. Ficando evidente que a simbologia e possibilidade de pagar a promessa é mais importante, não importando se o objeto servirá para outras pessoas, mesmo que alguns reconheçam seu objeto, em especial o ex-voto referente ao corpo. Alguns objetos possuem singularidades e retratam o problema que a pessoa tinha. É possível encontrar na sala até mesmo partes do corpo em recipientes de vidro. Acredito que esses objetos não possam circular entre os devotos, pois nesse caso foi entregue algo de si à santa. Mesmo que os ex-votos também sejam algo de si, porém, algo simbolicamente e artificialmente produzido. De acordo com Benjamin, “Antigamente os ex-votos eram confeccionados pelos próprios devotos ou sob encomenda, pintados ou esculpidos, representando o milagre. Hoje, são comuns os ex-votos fabricados em série, em cera.” (2002). Diante das dificuldades em encontrar os objetos em cera, uma alternativa encontrada pelos devotos e não devotos são os objetos em plástico e porcelana. Esses são facilmente encontrados em comércio de vendas de produtos para festas. Fiz uma pesquisa e constatei que é facilmente encontrado cabeças, pés, mãos, braços, olhos, corpo, pescoço e entre outros no Centro de João Pessoa.

Para encerrar, neste trabalho tentei mostrar como seguir a “pista” etnográfica dos pedidos validos, que me foi revelada a partir de uma vivência pessoal, onde pode nos ajudar a compreender como se processam, na comunidade da Guia, as relações das pessoas entre si e “com a Santa”, seus anseios e conflitos, bem como alguns dos interesses que as mobilizam.

REFERÊNCIAS

23^a Romaria da Guia, em Lucena (PB). Fonte: <[http://www.casadesiao.com/news/a23%C2%AA-romaria-da-guia,-em-lucena-\(pb\)>](http://www.casadesiao.com/news/a23%C2%AA-romaria-da-guia,-em-lucena-(pb)>)>. Acessado em 27/06/2014.

ALVES, Paulo César. **A Experiência da Enfermidade: Considerações Teóricas**. Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9(3): 263-271, jul/sep, 1993.

Araújo, A. C. de & Aragão, M. G. S. **Os frutos da carne e os do espírito: aproximações entre corpo e religião**. Ver. Integração. Janeiro/março. 2005. Ano XI, nº 40, p. 33-41.

BACHELARD, Gaston. **A Chama de uma Vela**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A, 1989, p. 9-107.

BENJAMIN, Roberto. **DEVOÇÕES POPULARES NÃO-CANÔNICAS NA AMÉRICA LATINA: UMA PROPOSTA DE PESQUISA**. ALAIC' 2002 – VI Congresso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia / 12 al 15 de junho de 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. In: ORTIZ, Renato. **A procura de uma sociologia da prática**. São Paulo: Ed. Ática, 1983, p. 7-36.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. *Sociedade e cultura*, vol. 10, n.1, jan/jun, 2007, p.11-27.

BRODBECK, Rafael Vitola. Apostolado Veritatis Splendor: *LEITOR PERGUNTA SOBRE USO E SIGNIFICADO DAS VELAS*. Disponível em <<http://www.veritatis.com.br/inicio/espaco-leitor/5789-leitor-pergunta-sobre-uso-e-significado-das-velas>> Acessado em 10/08/2014.> Acessado em 09/08/2014.

Congregações Religiosas Masculinas. Disponível em: <http://www.arquidiocesepb.org.br/index.php>. Acessado em 27/06/2014.

CORNÉLIO, Ernestina. **“Quem nos Guia é essa Luz”: uma história de Lucena contada por seus moradores**. F&A Gráfica e Editora. Lucena-PB. 2007, 13-67.

DA SILVA, I. C.; DA SILVA, A. B. **O tempo sagrado da festa profana: reflexões sobre a Festa das Neves na cidade de João Pessoa-PB**. João Pessoa: Revista Okara: Geografia em debate, 2013, v.7, n.1, p. 165-185.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo. “Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu”**. Lisboa, Edições 70 (Col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sônia P. da Silva, 1966). p. 43-53.

DURHAM, Eunice. **Malinowski – Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1986, p. 25-48.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 166-250.

FERGUSON, R. (1999). **Ex-votos: Folk art and expressions of Faith in Mexico**. Disponível em: <<http://mexconnect.com/articles/969-exvotos-folk-art-and-expressions-of-faith-in-mexico>> Acessado em 19/07/2014.

FORNAZARI, S. A.; FERREIRA, R. E. R. **Religiosidade/Espiritualidade em Pacientes Oncológicos: Qualidade de Vida e Saúde**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Abr-Jun 2010, vol. 26, n. 2, pp. 265-272.

GASPAR, Lúcia. Ex-votos. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> Acessado em 20/07/2014.

GUERRIERO, Silas. **A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo de novas espiritualidades**. Estudos de Religião. V. 26, n. 42. Edição Especial. 2012, p. 11-26.

HAMAO, Sthephen; GIOIA, Francesco. (1999), **Conselho Pontifício para a Pastoral dos Imigrantes Itinerantes – O Santuário: Memória, Presença e Profecia de Deus Vivo**. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrant_s_doc_19990525_shrine_po.html>. Acessado em 07/07/2014.

Igreja de Nossa Senhora da Guia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Nossa_Senhora_da_Guia>. Acessado em 27/06/2014.

ASSIS, Joilson de Assis. **Baía dos Holandeses**. Disponível em: <<http://baiadosholandeses.blogspot.com.br/2010/01/livro-completo-baia-dos-holandeses-todo.html>> Acessado em 20/07/2014.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosacnaify, 2008 [1958]. “A eficácia simbólica”, pp. 201-220.

LIMA, Yleana. **Culto, devoção e santidade: um estudo bibliográfico sobre o processo santoral na religiosidade cristã**. Nova Revista Amazônica, v. 1 n. 2, julho/dezembro, 2013, p. 131-154.

MACIEL, Ednalva. et al. **Etnografia na Guia: estudo antropológico sobre a comunidade de Nossa Senhora da Guia no município de Lucena/PB**. Disponível em: <http://grupessc-ufpb.blogspot.com.br/2012/04/conheca-nossos-projetos-em-andamento.html>>. Acessado em 26/06/2014.

MARTINS, Paulo Henrique. **A sociologia de Marcel Mauss: Dádiva, simbolismo e associação**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 73, Dezembro 2005: 45-66.

MAUÉS, R. Heraldo. (2013), **A Mãe e Filho como Peregrinos: dois modelos de peregrinação católica no Brasil**. Religião e Sociedade, vol. 33 nº 2, Rio de Janeiro. Julho/dezembro, 2013, p. 1/12.

MAUSS, M. “**Ensaio sobre a dádiva**” IN MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. S. Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 185-314.

MAUSS, M.; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 174 p.

MULLER, IVO. **Diferença entre Paróquia e Santuário**. Disponível em: <<http://paroquiavirtualfreiivo.blogspot.com.br/2010/08/diferenca-entre-paroquia-e-santuario.html>>. Acessado em 16/07/2014.

MULLER, Ivo. **Diferença entre Paróquia e Santuário**. Fonte: <<http://www.arquidiocesepb.org.br/index.php?arqui=pages/paginasMenuEstatica&id=38>>. Acessado em 07/07/2014.

PATIAS, J. C. *Trabalho apresentado no II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo, realizado nos dias 5 e 6 de outubro de 2007, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Disponível em:* <<http://www.pluricom.com.br/forum/o-sagrado-e-o-profano-do-rito-religioso-ao>> Acessado em 16/07/2014.

RABELO, M. Cristina. **Religião e Cura: Algumas Reflexões Sobre a Experiência Religiosa das Classes Populares Urbanas**. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, 9 (3): 316-325, jul/set, 1993.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIGONI, A. C. C. **Os usos do corpo: dos sacrifícios “primitivos” às religiões “atuais”**. Conexões, v. 6, n. 1, p. 86-95.

ROMEIROS da Guia. Direção: Mello, João Ramiro; Carvalho, Vladimir. Produção: INCE – Instituto Nacional de Cinema Educativo; Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes S.A. Rio de Janeiro, 1962. 15 min. Preto e Branco, 35 mm.

Sabourin, Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais [On-line] 2008, 23 (fevereiro): [Data de consulta: 26 / junho / 2014] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10706608>> ISSN 0102-6909>.

SAÉZ, Oscar Calavia. **O que os Santos podem fazer pela Antropologia?** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(2): 198-219, 2009.

Significado de Igreja Católica. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/igreja-catolica/>>. Acessado em 16/07/2014.

SILVA, Gustavo. **Radcliffe-Brown**. Montes Claro, 2004.

SOUSA, G. B. **Os Frades Carmelitas na Paraíba**. Disponível em: <http://fradescarmelitas.globspot.com.br/2012_09_21_archive.html> Acessado em 15/07/2014.

Teixeira, L. C. Cavalcante, M. M. et al. **O corpo em estado de graça: ex-votos, testemunho e subjetividade**. Psicol. Soc. Vol.22 nº. 1, Florianópolis. Janeiro/abril. 2010, p. 1-11.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Chicago: Aldine, 1969.